

2 Canudos

Em 1997 fez cem anos que aconteceu a Guerra de Canudos. Existem vários filmes brasileiros a respeito e é consenso de todos, que não se sabe muito sobre a Guerra de Canudos. Achei que era a ocasião para ler alguns livros sobre o assunto. Li e gostei e aqui vão algumas informações interessantes.

Primeiramente, é bom saber que a cidade de Canudos estava localizada no interior da Bahia e tinha, em 1897, cerca de 30.000 habitantes, sendo a segunda cidade em população na Bahia, superada apenas por Salvador.

O líder religioso que fundou Canudos era Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido como Antônio, o Conselheiro ou, simplesmente, Antônio Conselheiro (1828-1897), um padre seminarista que sabia o latim e o francês, nascido no Ceará, terra de inúmeros religiosos, como o famoso Padre Cícero, que não participou da Guerra de Canudos. Antônio Conselheiro era um homem culto e inteligente e não um fanático como descreve Euclides da Cunha no livro “Os Sertões”, influenciado, talvez, pelos republicanos.

Engenheiro militar e jornalista, o fluminense Euclides da Cunha (1868-1909), que fez a cobertura jornalística do conflito de Canudos, cita, também, que havia naquele tempo dois brasis, o da “Costa” e o do “Sertão”. O Brasil da “Costa” era moderno e do “Sertão” atrasado. O conflito de Canudos iria se dar no “Sertão”.

Em 1888 a princesa Isabel fez a libertação dos escravos e, um ano depois, foi proclamada a República. Antes da proclamação da República do Brasil, o império teve alguns problemas interessantes no nordeste brasileiro.

Um deles foi a lei do *Sistema Métrico*. A adoção do sistema métrico foi bem recebido na “Costa” do nordeste mas, no interior, houve uma grande quantidade de problemas. O “Sertão” não queria o sistema métrico, e preferia que continuasse a vara de cinco palmos e a tigela do reino. Houve um levante no sertão e o exército teve que enviar tropas, superior a 1.000 homens, para apaziguar os insurretos.

Um outro problema no tempo de d. Pedro II foi a chamada *questão religiosa*.

Acontece que naquele tempo, 2/3 dos padres católicos do nordeste tinham família constituída.

O jovem padre Vital, tinha estudado em Roma e era parente de um ministro do império e recém nomeado bispo na Bahia, pelo Imperador, era a favor do celibato, sendo apoiado pelo bispo d. Macedo, do Pará.

D. Vital e d. Macedo, acusaram que o desrespeito à igreja era devido a maçonaria, cometendo uma grande injustiça, pois, a maçonaria nunca hostilizou a igreja católica, mas, ao contrario, sempre ajudou, velada ou ostensivamente, todas as obras sociais, de caridade e filantrópica da igreja católica.

Os bispos foram julgados e presos, ficando a situação bastante confusa, dividindo-se a igreja católica, uma parte a favor e outra contra os bispos.

Um outro problema que existiu foi o *financeiro*. Em 1888, no fim da monarquia, para agradar os latifundiários, o império concedeu empréstimos em grande quantidade através do Banco Nacional do Brasil. Houve uma especulação financeira enorme e fortunas mudaram de mãos, em poucos dias. Foram lançadas ações cujos preços disparavam.

Com a proclamação da República em 15 de novembro de 1889, o governo do general alagoano Manuel Deodoro da Fonseca (1827-1892), nomeia o baiano e advogado formado em São Paulo, o dr. Rui Barbosa (1849-1923) como Ministro da Fazenda, que tenta conter a deterioração da economia do país. Os anos em que Rui

Barbosa ficou a frente do Ministério da Fazenda tornou-se conhecido como *encilhamento*, lembrando a euforia irresponsável, o jogo e a especulação frenética das bolsas.

Houve, na verdade, um *crash* econômico com empresas falindo, inflação acelerada, fuga de ouro, depreciação cambial, abrindo caminho a inquietações sociais e levantes militares. Canudos não foi o único foco de agitação, na época, houveram mais de dez levantes espalhados pelo Brasil.

Um outro problema que afetou, também o sertão do nordeste na época, foi a separação da Igreja Católica do governo da República. Não era mais válido o casamento no religioso, somente, era válido o casamento no civil.

Com todos estes problemas é que Antônio Conselheiro foi reunindo milhares de pessoas que não tinham terras e nem dinheiro, até chegar a um local estratégico perto de um rio e no entroncamento de várias cidades. Lá, construiu em quatro anos, a cidade de Canudos.

Em Canudos cada um fazia a sua casa, mas, a lavoura era coletiva. A venda dos produtos colhidos nas lavouras, eram feitas através de um armazém geral que vendia e distribuía para as cidades vizinhas. O comércio era feito com as cidades próximas, tais como: Jeremoabo, Tucano, Uauá, Várzea da Ema e até em Feira de Santana.

Antônio Conselheiro montou, praticamente um sistema de produção socializante, baseado na religião cristã. Também negava-se a pagar qualquer tipo de imposto, não reconhecendo a República e com saudades da Monarquia, que na sua opinião, era o governo ideal, devido a aliança igreja-estado. Lembremos que durante a época do império, a igreja era vinculada a ele, sendo as autoridades eclesiásticas nomeadas pelo imperador d. Pedro II. Além disto, muitas atividades cartoriais das cidades eram feitas pela igreja. Ficou também provado, que ninguém ligado a monarquia financiou, ajudou ou mandou armas para Antônio Conselheiro.

O governo enviou quatro expedições do exército contra Canudos. O exército brasileiro tinha, na época 15.000 soldados, sendo que foram combater em Canudos 12.000, soldados com as armas mais modernas da época, sendo que 5.000 morreram, isto é, praticamente, 1/3 do efetivo. As principais tropas eram da Bahia, São Paulo, Pará e Amazonas. O pessoal residente em Canudos, lutou com tudo o que tinha, resistindo o mais que puderam.

Morreram cerca de 20.000 pessoas em Canudos, entre homens, mulheres e crianças acabando assim com a cidade.

As causas do conflito de Canudos ainda não foram totalmente analisadas.

Uma outra afirmação curiosa é a do escritor português José Hermano Saraiva, que aponta a guerra de Canudos como o último dos dramas do sebastianismo. O sebastianismo é a espera messiânica do salvador, isto é, do rei D. Sebastião que foi para a batalha de Alcácer Quibir, em 1578 e nunca mais voltou e, depois o reino português se esfacelou, passando a Espanha a tomar conta de Portugal por 60 anos. Consta que o próprio Padre Antônio Vieira e o poeta Fernando Pessoa eram sebastianistas.

Cada vez mais se escrevem livros sobre o tema e creio que agora estamos começando a entender, um pouco, quem foi Antônio Conselheiro e o que foi a guerra de Canudos.